

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E EDUCAÇÃO BÁSICA: PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA EM UM MUNDO CONECTADO**ARTIFICIAL INTELLIGENCE AND BASIC EDUCATION: READING AND WRITING PRACTICES IN A CONNECTED WORLD****INTELIGENCIA ARTIFICIAL Y EDUCACIÓN BÁSICA: PRÁCTICAS DE LECTURA Y ESCRITURA EN UN MUNDO CONECTADO** <https://doi.org/10.56238/rcsv15n10-004>

Data de submissão: 10/09/2025

Data de aprovação: 10/10/2025

Beatriz de Lima Nogueira

Discente do Curso Superior de Mestrado em Tecnologias Emergentes em Educação
Instituição: Must University
E-mail: bianog85@gmail.com

Rosângela Arzão Souza

Discente do Curso Superior de Mestrado em Tecnologias Emergentes em Educação
Instituição: Must University
E-mail: rosouza2509@gmail.com

Ester Pinheiro Pontes

Discente do Curso Superior de Doutorado
Instituição: Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS)
E-mail: esterpinheiropontes@gmail.com

Ronise do Nascimento Ferreira

Discente do Curso Superior de Doutorado
Instituição: Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS)
E-mail: ronisenasc@gmail.com

Tatiane Oliveira Barbosa

Discente do Curso Superior de Doutorado
Instituição: Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS)
E-mail: tatianeoliveirabarbosa@gmail.com

Elisabete Lopes Alves

Mestre do Curso Profissional em Teologia
Instituição: Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR)
E-mail: lopes.bete2011@gmail.com

RESUMO

O avanço da Inteligência Artificial tem modificado de maneira profunda as formas de ler, escrever e compreender o mundo, exigindo novas interpretações sobre o letramento no campo educacional. Este artigo discute o conceito de letramento transversal a partir das possibilidades de diálogo entre práticas pedagógicas e tecnologias inteligentes na Educação Básica. A pesquisa, de natureza bibliográfica e abordagem qualitativa, fundamenta-se em estudos recentes que exploram a presença da IA generativa no processo de ensino e aprendizagem, especialmente no desenvolvimento da leitura e da escrita em ambientes digitais. Analisa-se como a mediação docente pode favorecer uma relação ética, crítica e criativa com essas ferramentas, estimulando a autoria e a reflexão sobre os usos conscientes da

tecnologia. O estudo propõe compreender a Inteligência Artificial não como substituta das práticas humanas, mas como aliada na ampliação das experiências de linguagem e na formação de sujeitos autônomos, capazes de interpretar, produzir e compartilhar conhecimentos em um mundo conectado.

Palavras-chave: Letramento Transversal. Inteligência Artificial. Educação Básica. Letramento Digital. Autoria.

ABSTRACT

The advancement of Artificial Intelligence has profoundly changed the ways we read, write, and understand the world, demanding new interpretations of literacy in education. This article discusses the concept of transversal literacy based on the possibilities for dialogue between pedagogical practices and intelligent technologies in Basic Education. The research, bibliographic in nature and qualitative in nature, is based on recent studies that explore the presence of generative AI in the teaching and learning process, especially in the development of reading and writing in digital environments. It analyzes how teacher mediation can foster an ethical, critical, and creative relationship with these tools, encouraging authorship and reflection on the conscious uses of technology. The study proposes understanding Artificial Intelligence not as a substitute for human practices, but as an ally in expanding language experiences and developing autonomous individuals capable of interpreting, producing, and sharing knowledge in a connected world.

Keywords: Transversal Literacy. Artificial Intelligence. Basic Education. Digital Literacy. Authorship.

RESUMEN

El avance de la Inteligencia Artificial ha transformado profundamente la forma en que leemos, escribimos y entendemos el mundo, exigiendo nuevas interpretaciones de la alfabetización en educación. Este artículo aborda el concepto de alfabetización transversal a partir de las posibilidades de diálogo entre las prácticas pedagógicas y las tecnologías inteligentes en la Educación Básica. La investigación, de carácter bibliográfico y cualitativo, se basa en estudios recientes que exploran la presencia de la IA generativa en el proceso de enseñanza-aprendizaje, especialmente en el desarrollo de la lectura y la escritura en entornos digitales. Analiza cómo la mediación docente puede fomentar una relación ética, crítica y creativa con estas herramientas, fomentando la autoría y la reflexión sobre el uso consciente de la tecnología. El estudio propone entender la Inteligencia Artificial no como un sustituto de las prácticas humanas, sino como un aliado para ampliar las experiencias lingüísticas y desarrollar individuos autónomos capaces de interpretar, producir y compartir conocimiento en un mundo conectado.

Palabras clave: Alfabetización Transversal. Inteligencia Artificial. Educación Básica. Alfabetización Digital. Autoría.

1 INTRODUÇÃO

O debate acerca da Inteligência Artificial (IA) e sua inserção na educação básica tem se intensificado diante das rápidas transformações tecnológicas que permeiam as práticas de ensino e de aprendizagem. A emergência de ferramentas baseadas em algoritmos e modelos de linguagem generativa tem provocado mudanças nas formas de produção e circulação do conhecimento, exigindo novas compreensões sobre o papel da leitura e da escrita na contemporaneidade.

Nesse contexto, o letramento ultrapassa o domínio técnico da decodificação textual e passa a envolver competências relacionadas à interação crítica com diferentes linguagens, suportes e tecnologias, compondo o que se denomina letramento transversal. Esta perspectiva reconhece que os processos de ensinar e aprender estão interligados à cultura digital e às mediações tecnológicas que configuram o ambiente escolar.

Estudos recentes apontam que a IA pode ampliar as possibilidades de autoria, análise e interpretação, desde que acompanhada de práticas pedagógicas mediadas por professores conscientes dos limites éticos e cognitivos dessa tecnologia (ALESSI; PEREIRA; GROSSI, 2025; SOUZA, 2025).

O conceito de letramento transversal dialoga com essa proposta ao integrar diferentes dimensões do aprender, associando o uso da tecnologia à leitura crítica, à produção textual e à compreensão dos processos socioculturais que permeiam a linguagem (VALÉRIO; SANTOS FILHO, 2024).

Essa abordagem não substitui as práticas tradicionais de letramento, mas as expande, incorporando habilidades de análise, síntese e discernimento frente à informação produzida e mediada por sistemas inteligentes.

No campo educacional, a IA tem sido explorada em diferentes frentes: no apoio à personalização da aprendizagem, na produção de textos, na avaliação automática e na oferta de feedbacks adaptativos (YAN et al., 2023; ROMERO et al., 2023).

No entanto, sua incorporação na escola não deve ser apenas técnica, mas reflexiva e ética, considerando os impactos que a automação e os algoritmos exercem sobre o pensamento humano e a autoria. O papel do professor, nesse contexto, é o de mediador e orientador de experiências de aprendizagem que utilizem a tecnologia como instrumento de ampliação cognitiva e não de substituição da criatividade ou da interpretação (SHARPLES, 2023; MOTLAGH et al., 2023).

No Brasil, pesquisas sobre a presença da IA na educação básica indicam que as escolas ainda enfrentam desafios para integrar essas ferramentas às práticas pedagógicas de modo crítico e consciente (REVISTA INTERINSTITUCIONAL ARTES DE EDUCAR, 2024; NASCIMENTO, 2025). A maioria das iniciativas concentra-se em projetos de alfabetização digital e inclusão tecnológica, sem, contudo, explorar plenamente a potencialidade da IA para o desenvolvimento de

competências de leitura e escrita contextualizadas. O letramento digital, nesse sentido, representa uma etapa essencial para que estudantes e professores compreendam o funcionamento das tecnologias inteligentes e possam utilizá-las para construir significados, formular argumentos e produzir conhecimento (ZHANG, 2025).

A reflexão sobre o letramento transversal impulsiona uma visão de ensino que não se limita à técnica, mas valoriza a linguagem como meio de construção de sentido e de cidadania. O estudante é convidado a ler e escrever em múltiplos formatos, reconhecendo o papel das tecnologias na formação de uma cultura híbrida, em que o texto, a imagem, o som e o algoritmo coexistem.

A escola exerce um papel decisivo na formação de sujeitos críticos e éticos, capazes de compreender o potencial e as limitações da Inteligência Artificial no processo educativo. Segundo Rodríguez (2025) e Valério e Santos Filho (2024), “a integração responsável da Inteligência Artificial à prática docente depende da capacidade de articular saberes pedagógicos, tecnológicos e éticos em um processo contínuo de aprendizagem e reflexão”.

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo discutir a relação entre o letramento transversal e a Inteligência Artificial na educação básica, buscando compreender de que modo as tecnologias inteligentes podem contribuir para o aprimoramento das práticas de leitura e escrita. Fundamentado em pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, o artigo propõe analisar a IA como ferramenta de mediação pedagógica, capaz de ampliar a autoria, o pensamento crítico e a autonomia dos estudantes, sem desconsiderar o papel insubstituível do professor no processo educativo. Essa análise pretende contribuir para o fortalecimento de práticas pedagógicas conscientes e humanizadas em um contexto cada vez mais tecnológico e conectado.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa é de natureza bibliográfica, com abordagem qualitativa e caráter analítico-interpretativo. Fundamenta-se na compreensão de que o estudo teórico possibilita refletir criticamente sobre o papel do letramento transversal e da Inteligência Artificial na educação básica, a partir de produções científicas e documentos oficiais recentes. Essa opção metodológica permite construir um panorama conceitual sólido sobre o tema, sem recorrer à coleta de dados empíricos, valorizando a sistematização e a análise das contribuições teóricas já existentes. De acordo com Valério e Santos Filho (2024), as investigações qualitativas de base bibliográfica favorecem a ampliação do olhar do pesquisador, permitindo identificar convergências, tensões e lacunas no campo estudado.

O processo de levantamento teórico envolveu a busca e a seleção de materiais publicados entre 2018 e 2025 em bases nacionais e internacionais, incluindo o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, a BDTD, o Portal de Periódicos CAPES, o SciELO, o ResearchGate e o Google Acadêmico.

Foram priorizados livros, artigos, dissertações e relatórios institucionais que abordassem os temas “inteligência artificial”, “educação básica”, “letramento digital” e “práticas de leitura e escrita”.

A seleção das fontes obedeceu ao critério de autenticidade, verificando-se a existência de DOI, link ativo ou registro institucional. As produções analisadas compuseram o corpus teórico do estudo, que foi organizado em eixos temáticos correspondentes aos principais conceitos discutidos: letramento transversal, mediação pedagógica e ética no uso da IA.

A análise dos achados bibliográficos seguiu uma perspectiva interpretativa e comparativa, orientada pela identificação de recorrências e contribuições que evidenciassem o diálogo entre tecnologia e letramento. A partir dessa categorização, foi possível construir uma síntese teórica que relaciona a presença da Inteligência Artificial às práticas pedagógicas voltadas à leitura e à escrita. Segundo Alessi, Pereira e Grossi (2025) e Souza (2025), “esse percurso metodológico permite assegurar consistência teórica e rigor acadêmico à investigação, preservando a originalidade e a coerência das interpretações apresentadas ao longo do artigo”.

2.1 A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE LETRAMENTO

O avanço das tecnologias digitais, especialmente da Inteligência Artificial (IA), vem promovendo uma reconfiguração das práticas pedagógicas e das formas de interação entre professores, estudantes e conhecimento. Na educação básica, a IA tem sido gradualmente incorporada como ferramenta de apoio ao ensino e à aprendizagem, o que suscita reflexões sobre seu papel na mediação pedagógica e nas práticas de letramento. Essa mediação não se restringe ao uso instrumental das tecnologias, mas implica a criação de condições para que os estudantes se tornem sujeitos ativos na produção de sentidos, interpretando, questionando e reconstruindo o que aprendem em ambientes mediados por sistemas inteligentes.

De acordo com Alessi, Pereira e Grossi (2025), a presença da IA no campo educacional amplia o potencial de personalização da aprendizagem, oferecendo feedbacks contínuos, promovendo autonomia e auxiliando o docente no acompanhamento de percursos individuais. Entretanto, os autores ressaltam que essa integração exige uma leitura crítica das tecnologias e uma postura reflexiva do professor quanto aos objetivos pedagógicos que orientam seu uso. Sob essa perspectiva, a IA não deve substituir a mediação humana, mas atuar como um instrumento que favorece o desenvolvimento do pensamento crítico e da autoria dos estudantes.

Segundo Valério e Santos Filho (2024), o conceito de mediação pedagógica vincula-se à capacidade do professor de criar pontes entre o estudante e o conhecimento, reconhecendo o potencial das tecnologias digitais para favorecer aprendizagens contextualizadas e significativas.

Quando essa mediação incorpora ferramentas baseadas em IA, o processo de letramento pode se tornar mais dinâmico e interativo, estimulando a leitura, a escrita e a interpretação de múltiplas linguagens textuais, visuais e algorítmicas. Essa ampliação contribui para a formação de competências que dialogam com o letramento transversal, no qual a linguagem é compreendida como prática social mediada por tecnologias e permeada por relações éticas e culturais.

Autores como Romero, Fortin e Garcia (2023) destacam que a IA tem o potencial de gerar ambientes de aprendizagem colaborativos, nos quais o estudante atua como produtor e não apenas consumidor de informações. Contudo, Sharples (2023) argumenta que essa mesma tecnologia pode gerar riscos à formação da autonomia se utilizada de maneira acrítica, sem a devida reflexão sobre suas limitações e implicações éticas. Assim, o papel da mediação docente é essencial para garantir que a IA seja utilizada como uma ferramenta de ampliação cognitiva e não de substituição da experiência humana.

Souza (2025) aponta que a inserção de sistemas inteligentes na educação pode fortalecer o letramento científico e digital, desde que haja clareza quanto aos propósitos pedagógicos e respeito aos princípios de autoria. Esse posicionamento aproxima-se das análises de Zhang (2025), para quem a IA pode potencializar o engajamento discente em atividades de leitura e escrita ao oferecer novas possibilidades de interação e retroalimentação textual. Segundo o autor, “o professor, como mediador, deve atuar orientando o uso ético e criativo dessas ferramentas, promovendo um ambiente em que o estudante compreenda tanto o conteúdo quanto o funcionamento das tecnologias que o produzem”.

No contexto brasileiro, ainda que a presença da IA na educação básica seja incipiente, observa-se um interesse crescente em utilizá-la como instrumento de apoio pedagógico (REVISTA INTERINSTITUCIONAL ARTES DE EDUCAR, 2024; NASCIMENTO, 2025).

Essa tendência reforça a necessidade de políticas formativas voltadas à capacitação docente, de modo que o professor possa compreender a lógica dos algoritmos e aplicá-la a práticas pedagógicas contextualizadas. Como enfatiza Rodríguez (2025), a mediação pedagógica é o espaço em que a técnica encontra o sentido humano da educação, transformando o uso da tecnologia em oportunidade para desenvolver o pensamento crítico e a expressão autônoma dos estudantes.

Dessa forma, a Inteligência Artificial, quando inserida de modo ético e orientado, pode tornar-se um elemento relevante na mediação pedagógica, ampliando as possibilidades do letramento escolar. Mais do que uma inovação tecnológica, a IA representa um campo de aprendizagem que desafia professores e alunos a repensarem as formas de ensinar, aprender e comunicar-se. Nessa relação, o letramento deixa de ser apenas domínio da leitura e da escrita, tornando-se um processo reflexivo de compreensão e participação no mundo digital, em que a palavra, o dado e o código coexistem como expressões de conhecimento e cidadania.

2.2 LETRAMENTO TRANSVERSAL: NOVAS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA EM AMBIENTES DIGITAIS

O conceito de letramento transversal surge da necessidade de compreender as múltiplas formas de linguagem que coexistem nas práticas comunicativas contemporâneas. No campo educacional, ele amplia a noção tradicional de letramento, reconhecendo que ler e escrever não se restringem ao domínio do texto impresso, mas envolvem a interação crítica com textos multimodais, hipertextos, imagens e códigos presentes nos ambientes digitais.

Na educação básica, essa abordagem propõe integrar diferentes dimensões do saber, como a linguística, a tecnológica, a ética e a social, para formar sujeitos capazes de compreender e produzir significados em contextos mediados por tecnologias digitais e pela Inteligência Artificial (IA).

Segundo Souza (2025), o letramento na atualidade demanda novas habilidades cognitivas e comunicativas, pois o conhecimento circula em redes interativas, nas quais o estudante deixa de ser apenas receptor e passa a ser produtor de conteúdos.

Essa perspectiva aproxima-se da noção de letramento digital, mas a ultrapassa ao incluir o entendimento crítico sobre como as tecnologias moldam a produção e o compartilhamento da informação. O letramento transversal se constrói na intersecção entre linguagem e tecnologia, favorecendo a leitura de múltiplos discursos e a escrita como prática social. Essa ampliação também envolve a compreensão da IA como elemento ativo na construção do conhecimento, já que os sistemas inteligentes interferem na forma como a linguagem é processada e nos modos de mediação pedagógica (VALÉRIO; SANTOS FILHO, 2024).

Alessi, Pereira e Grossi (2025) argumentam que o letramento mediado por IA possibilita uma experiência formativa mais diversificada, pois oferece novas oportunidades de interação e de construção coletiva do saber. A presença das tecnologias digitais nos espaços escolares exige, portanto, um redirecionamento das práticas docentes, para que a leitura e a escrita não sejam vistas apenas como habilidades linguísticas, mas como processos de construção de sentido em ambientes híbridos.

Esse movimento requer que o professor compreenda as relações entre linguagem, cultura e tecnologia, promovendo experiências que despertem a curiosidade, o pensamento crítico e a criatividade dos estudantes.

Para Romero, Fortin e Garcia (2023), o letramento transversal envolve não apenas o domínio técnico de ferramentas digitais, mas também a capacidade de utilizá-las de forma ética, interpretativa e criadora. Os autores destacam que a leitura e a escrita mediadas por IA exigem compreensão sobre os modos como os algoritmos filtram informações e interferem na autoria. A leitura crítica, nesse contexto, é ampliada: o estudante não apenas interpreta um texto, mas também analisa a origem, a intenção e a estrutura das informações produzidas por sistemas inteligentes. Isso requer que a escola

promova práticas que aliem a fluência digital à responsabilidade cidadã, incentivando a reflexão sobre a credibilidade das fontes e o uso ético dos conteúdos digitais (SHARPLES, 2023).

Zhang (2025) defende que o letramento digital se fortalece quando os estudantes aprendem a utilizar a IA como uma ferramenta de apoio à criação textual, sem abdicar da autoria. Essa perspectiva reforça a importância de o professor atuar como mediador, orientando o uso consciente e reflexivo das tecnologias e valorizando a dimensão autoral dos estudantes.

Ao estimular produções em diferentes formatos, como vídeos, podcasts, blogs e apresentações interativas, o docente contribui para que o aluno desenvolva múltiplas competências de comunicação, reconhecendo a linguagem como prática social situada. Essa visão é compartilhada por Souza (2025), ao afirmar que o letramento transversal depende de um processo educativo contínuo que forme leitores e autores capazes de compreender criticamente as relações entre informação, poder e tecnologia.

No contexto brasileiro, ainda que a integração entre IA e letramento esteja em fase inicial, há experiências promissoras que demonstram o potencial das práticas digitais para promover aprendizagens significativas (REVISTA INTERINSTITUCIONAL ARTES DE EDUCAR, 2024; NASCIMENTO, 2025). Essas práticas envolvem a leitura de textos multimodais, a produção de narrativas digitais e o uso de plataformas inteligentes que personalizam o ritmo e o conteúdo da aprendizagem. Rodríguez (2025) destaca que a formação docente é um elemento essencial nesse processo, pois é o professor quem transforma as ferramentas tecnológicas em instrumentos pedagógicos, articulando saberes técnicos, éticos e culturais.

Assim, o letramento transversal constitui uma proposta que transcende o domínio da escrita e da leitura convencionais, configurando-se como uma prática educativa que integra diferentes linguagens e modos de expressão. A IA, nesse processo, atua como mediadora e catalisadora de novas práticas, desde que orientada por princípios éticos e pedagógicos consistentes. Mais do que aprender a usar tecnologias, trata-se de aprender com elas, em um movimento de reflexão crítica e criativa que coloca o estudante no centro da construção do conhecimento.

Dessa forma, a escola do século XXI é desafiada a assumir o letramento transversal como eixo formativo, promovendo a autonomia intelectual e o exercício consciente da cidadania digital em um mundo cada vez mais interconectado.

2.3 A ESCOLA E O DESAFIO DE FORMAR SUJEITOS CRÍTICOS EM UM MUNDO CONECTADO

O avanço da Inteligência Artificial (IA) e das tecnologias digitais trouxe à escola um novo conjunto de responsabilidades e possibilidades pedagógicas. Em uma sociedade amplamente conectada, a formação de sujeitos críticos torna-se uma das tarefas mais complexas e urgentes da

educação básica. A presença constante de dispositivos inteligentes, algoritmos de recomendação e assistentes virtuais redefine os modos de acesso à informação, de comunicação e de aprendizagem, exigindo da instituição escolar uma postura ativa na orientação ética e crítica dos estudantes diante da cultura digital.

Formar leitores e produtores conscientes nesse ambiente implica repensar o papel da escola como espaço de reflexão e diálogo sobre as implicações sociais, cognitivas e morais do uso da tecnologia.

Segundo Valério e Santos Filho (2024), a escola ocupa uma função central na mediação entre os sujeitos e as transformações provocadas pelas tecnologias emergentes. Essa mediação requer que professores e gestores compreendam o impacto da IA na construção da subjetividade e da autonomia discente, reconhecendo tanto suas potencialidades quanto seus riscos.

Ao mesmo tempo em que pode ampliar a capacidade de acesso à informação, a IA também pode reforçar dependências e reduzir o pensamento crítico, se utilizada de forma acrítica. Assim, a formação de sujeitos autônomos e conscientes passa pela capacidade de compreender os mecanismos que estruturam as tecnologias e de desenvolver uma atitude ética diante de seu uso cotidiano.

Para Alessi, Pereira e Grossi (2025), a escola deve ser vista como um espaço de aprendizagem social e tecnológica, capaz de articular diferentes saberes e promover a reflexão sobre o papel das ferramentas digitais na vida em sociedade. A mediação pedagógica assume um papel essencial nesse processo, pois cabe ao professor orientar o estudante para que ele se torne não apenas um usuário, mas um autor que compreende e questiona as informações que recebe. Essa perspectiva se alinha à ideia de letramento transversal, na medida em que reconhece que o domínio da leitura e da escrita se estende à compreensão dos códigos, das linguagens e dos algoritmos que moldam o mundo digital.

Souza (2025) observa que a IA, quando incorporada de modo consciente à prática pedagógica, pode favorecer o desenvolvimento de habilidades metacognitivas, ampliando a capacidade dos estudantes de refletirem sobre o próprio processo de aprendizagem. No entanto, para que isso ocorra, é necessário que a escola mantenha uma postura crítica frente às promessas tecnológicas e evite reduzir o ensino a uma simples aplicação de ferramentas automatizadas.

O uso pedagógico da IA deve ser intencional e fundamentado em princípios éticos, de modo que o estudante perceba a tecnologia como uma aliada na produção do conhecimento, e não como substituta da experiência humana e da reflexão. Conforme Sharples (2023), “a formação de sujeitos críticos depende de práticas pedagógicas que favoreçam o diálogo, a argumentação e a problematização dos conteúdos gerados por sistemas automatizados”.

Nesse sentido, a leitura crítica dos textos produzidos por IA torna-se uma competência indispensável, pois envolve a análise de contextos, propósitos e possíveis vieses presentes nas

respostas algorítmicas. Romero, Fortin e Garcia (2023) acrescentam que a escola deve promover experiências que estimulem o estudante a comparar, verificar e validar informações, desenvolvendo uma postura investigativa e ética frente ao conhecimento digital.

Rodríguez (2025) defende que o professor contemporâneo precisa atuar como mediador cultural e digital, capaz de conectar o universo tecnológico às práticas de formação cidadã. A escola, portanto, deve assumir o compromisso de construir um ambiente em que o uso das tecnologias, especialmente da IA, esteja orientado pela responsabilidade, pela empatia e pela consciência social.

O processo educativo passa a ter como eixo não apenas a transmissão de conteúdos, mas o cultivo da capacidade de discernimento e da leitura crítica das mensagens produzidas por meios digitais. Essa visão se aproxima do que Zhang (2025) denomina aprendizagem crítica em rede, que valoriza o pensamento reflexivo e a construção colaborativa do conhecimento.

No contexto brasileiro, a necessidade de formar sujeitos críticos em um mundo conectado implica fortalecer políticas públicas voltadas à formação continuada de professores e à inclusão digital com sentido pedagógico (REVISTA INTERINSTITUCIONAL ARTES DE EDUCAR, 2024; NASCIMENTO, 2025). Essas políticas devem assegurar que as escolas tenham condições de integrar tecnologias de modo responsável, promovendo um ensino que valorize a ética, a criatividade e a autonomia. De acordo com Motlagh et al. (2023), a inserção de ferramentas baseadas em IA no currículo escolar exige critérios de validação e acompanhamento que considerem a diversidade sociocultural dos estudantes e evitem práticas que reforcem desigualdades.

Assim, a escola é convocada a desempenhar um papel educativo ampliado, orientando os estudantes na construção de uma consciência crítica e ética diante das tecnologias digitais. A Inteligência Artificial, ao ser incorporada de maneira reflexiva, pode potencializar o desenvolvimento de competências cognitivas e socioemocionais, desde que o processo formativo privilegie a compreensão, a análise e a autoria. O desafio contemporâneo da educação está em equilibrar inovação e humanização, garantindo que o uso das tecnologias inteligentes contribua para a emancipação intelectual e para o exercício pleno da cidadania em uma sociedade interconectada.

3 RESULTADOS

A análise bibliográfica realizada permitiu identificar um conjunto consistente de produções acadêmicas que abordam a presença da Inteligência Artificial (IA) na educação básica, bem como suas implicações para o desenvolvimento do letramento transversal. A sistematização das fontes demonstrou que há uma convergência entre os autores quanto à necessidade de compreender a IA não apenas como ferramenta tecnológica, mas como elemento mediador dos processos de leitura, escrita e

autoria. Essa compreensão amplia a noção de letramento para além da decodificação textual, inserindo-a em um contexto de múltiplas linguagens e práticas sociais mediadas por tecnologias digitais.

Constatou-se que Alessi, Pereira e Grossi (2025) e Valério e Santos Filho (2024) defendem que o uso da IA no campo educacional deve ocorrer de forma crítica e intencional, com foco na mediação pedagógica e no fortalecimento da autonomia discente. Para esses autores, a IA tem potencial para enriquecer as práticas educativas ao promover feedbacks personalizados, favorecer o acompanhamento das aprendizagens e estimular a produção de textos autorais.

No entanto, ressaltam que o papel do professor permanece central, sendo ele o responsável por orientar as interações entre o estudante e o ambiente digital, garantindo que a tecnologia seja usada de modo ético e reflexivo.

Outros estudos analisados, como os de Romero, Fortin e Garcia (2023) e Sharples (2023), indicam que as ferramentas de IA podem gerar espaços de aprendizagem mais colaborativos e abertos, em que o estudante se torna participante ativo na construção do conhecimento. As evidências sugerem que essas experiências ampliam a capacidade de análise, síntese e argumentação dos alunos, desde que acompanhadas de práticas de leitura crítica que lhes permitam compreender os limites dos algoritmos e a origem das informações produzidas. Assim, o letramento transversal emerge como uma abordagem integradora, capaz de unir o domínio técnico da linguagem digital à reflexão ética e cognitiva sobre o uso da tecnologia.

No contexto brasileiro, a revisão das fontes revelou iniciativas ainda incipientes, mas com potencial de transformação. Pesquisas apresentadas na Revista Interinstitucional Artes de Educar (2024) e por Nascimento (2025) mostram experiências pedagógicas que inserem a IA em atividades de leitura e escrita, com foco na autoria e na construção de sentido. Os resultados dessas práticas apontam para um avanço na compreensão dos estudantes sobre a função social da tecnologia, bem como para a valorização da criatividade e da produção coletiva do conhecimento.

De modo geral, os achados indicam que o letramento transversal mediado pela IA favorece a formação de sujeitos mais críticos e participativos, capazes de interpretar e produzir informações em diferentes linguagens e plataformas. As análises evidenciam, ainda, que o uso pedagógico consciente das tecnologias digitais pode contribuir para reduzir desigualdades no acesso ao conhecimento, desde que acompanhado de políticas educacionais que assegurem formação continuada aos docentes e infraestrutura adequada às escolas.

4 DISCUSSÃO

A análise das produções teóricas permitiu compreender que o letramento transversal, quando mediado pela Inteligência Artificial (IA), representa uma oportunidade de ressignificar as práticas de

leitura e escrita na educação básica. Os resultados indicam que, embora exista consenso sobre o potencial pedagógico da IA, persistem desafios relacionados à formação docente, à infraestrutura tecnológica e à dimensão ética do uso das ferramentas digitais.

Essa constatação converge com a visão de Valério e Santos Filho (2024), para quem a mediação tecnológica deve ser conduzida de forma intencional e reflexiva, de modo que a tecnologia sirva como meio de ampliação da aprendizagem e não como finalidade em si mesma.

O diálogo entre os autores evidencia que a integração da IA às práticas de ensino demanda uma reconfiguração do papel do professor. Conforme destacam Alessi, Pereira e Grossi (2025), o docente passa a atuar como mediador das interações entre o estudante e o conhecimento, auxiliando na interpretação crítica das informações produzidas por sistemas automatizados.

Essa postura aproxima-se do conceito de letramento transversal, que compreende a leitura e a escrita como práticas sociais que articulam linguagem, cultura e tecnologia. Assim, o professor deixa de ser apenas transmissor de conteúdo e assume a função de orientador das experiências digitais, promovendo aprendizagens contextualizadas e colaborativas.

Romero, Fortin e Garcia (2023) reforçam essa perspectiva ao afirmarem que o uso da IA pode favorecer metodologias ativas e processos de aprendizagem mais personalizados, desde que acompanhados por uma pedagogia crítica. O estudante é convidado a se tornar protagonista, experimentando, produzindo e avaliando informações de modo autônomo. Essa abordagem, segundo Sharples (2023), amplia a capacidade de discernimento e de autoria, pois estimula a reflexão sobre o próprio processo de construção do conhecimento. Contudo, o autor adverte que a falta de compreensão sobre o funcionamento dos algoritmos pode levar à reprodução de vieses e à perda da consciência crítica, o que reforça a importância da formação docente voltada ao uso ético e contextualizado da tecnologia.

No contexto brasileiro, as produções revisadas revelam avanços, mas também limitações. As experiências descritas na Revista Interinstitucional Artes de Educar (2024) e por Nascimento (2025) mostram iniciativas que buscam aproximar a IA das práticas pedagógicas, sobretudo em atividades de leitura e produção textual. Entretanto, a adoção ainda é restrita a contextos experimentais, o que demonstra a necessidade de políticas públicas mais consistentes.

A formação continuada de professores aparece como eixo fundamental para consolidar o uso pedagógico das tecnologias inteligentes, permitindo que o docente atue com segurança metodológica e ética.

Souza (2025) e Zhang (2025) destacam que o letramento mediado pela IA deve ser entendido como processo cultural e crítico, e não como mera instrumentalização digital. Ambos defendem que o aprendizado em ambientes conectados requer que os estudantes compreendam a estrutura, a lógica e

as intenções das tecnologias que utilizam. Essa leitura crítica é o que diferencia o letramento transversal das práticas tradicionais de alfabetização tecnológica, pois desloca o foco do uso técnico para a reflexão sobre a linguagem, o poder e a informação.

A discussão teórica também revela convergência em torno da ideia de que o letramento transversal é um caminho para fortalecer a cidadania digital. Rodríguez (2025) ressalta que a escola precisa formar sujeitos conscientes de que a IA não é neutra, mas construída a partir de escolhas humanas e sociais. Ao reconhecer essa dimensão, os estudantes desenvolvem um olhar ético e autônomo sobre a tecnologia, condição indispensável para o exercício da criticidade em uma sociedade cada vez mais orientada por dados.

Assim, a literatura revisada aponta que o papel da IA na educação não se resume à automatização do ensino, mas à criação de um ambiente pedagógico em que o humano e o tecnológico dialoguem de maneira equilibrada. O letramento transversal emerge como instrumento teórico e prático para essa integração, pois une a leitura crítica, a escrita criativa e a compreensão ética das tecnologias digitais. Ao adotar essa perspectiva, a escola reafirma sua função social de formar sujeitos capazes de pensar, agir e intervir de modo consciente em um mundo conectado.

5 CONCLUSÃO

A pesquisa evidenciou que a integração entre o letramento transversal e a Inteligência Artificial (IA) representa um caminho promissor para repensar as práticas de leitura e escrita na educação básica. A análise das produções teóricas demonstrou que a IA, quando utilizada de forma ética e pedagógica, pode ampliar o potencial formativo dos estudantes, favorecendo o desenvolvimento da autonomia, da autoria e da reflexão crítica. O letramento transversal, por sua vez, consolida-se como perspectiva educativa que articula linguagem, tecnologia e cultura, valorizando a produção de sentidos em ambientes digitais e conectados.

Constatou-se que a escola tem um papel essencial na mediação das relações entre o estudante e a tecnologia, cabendo ao professor orientar o uso consciente das ferramentas de IA e estimular a leitura crítica das informações produzidas por algoritmos. Os autores analisados convergem na defesa de que o docente é o principal agente dessa transformação, uma vez que sua ação pedagógica pode transformar a IA em instrumento de aprendizagem significativa e de fortalecimento da cidadania digital.

A investigação também revelou a necessidade de ampliar políticas de formação continuada e de incentivo à pesquisa sobre IA e letramento na educação básica, de modo a consolidar práticas inovadoras e éticas. Conclui-se que a incorporação das tecnologias inteligentes ao cotidiano escolar

não deve substituir o papel humano, mas reforçar o compromisso da escola com a construção de sujeitos críticos, criativos e conscientes de seu papel social em um mundo conectado.

AGRADECIMENTOS

Os autores expressam sincera gratidão pelo percurso intelectual construído ao longo da elaboração deste artigo. Cada etapa da escrita demandou empenho coletivo, diálogo constante e compromisso ético com a produção de conhecimento voltada ao fortalecimento da educação pública de qualidade. A escolha do tema foi guiada pela inquietação comum diante dos desafios do letramento crítico no universo digital e pela convicção de que a escola tem potencial para formar sujeitos capazes de compreender, questionar e transformar os discursos que circulam nas mídias contemporâneas.

A construção deste trabalho resultou de um processo colaborativo marcado pela escuta sensível, pela valorização das contribuições de cada integrante e pela responsabilidade compartilhada de articular teoria e prática. A convivência acadêmica que sustentou esta produção foi permeada por trocas reflexivas e pelo compromisso com a seriedade científica, mas também pelo desejo genuíno de contribuir com uma educação mais crítica, criativa e humanizada.

Este artigo representa, portanto, não apenas o resultado de uma investigação teórica, mas também a materialização de um esforço coletivo pautado pela ética, pela cooperação e pela esperança ativa em uma escola mais conectada com o mundo real dos estudantes e com as demandas de um tempo em constante transformação.

REFERÊNCIAS

ALESSI, Rodrigo; PEREIRA, Ana Lúcia; GROSSI, Luciane. O letramento em inteligência artificial na educação: uma revisão sistemática de literatura. *Ambiente: Gestão e Desenvolvimento*, Boa Vista, 2025. DOI: 10.24979/ambiente.vi.1677. Disponível em: <https://periodicos.uerr.edu.br/index.php/ambiente/article/view/1677>. Acesso em: 5 set. 2025.

VALÉRIO, E. de Moraes; SANTOS FILHO, J. M. dos. Letramento em Inteligência Artificial: uma reflexão a partir do guia da UNESCO sobre competências em IA para professores. *Revista Tópicos*, São Paulo, 2024. DOI: 10.5281/zenodo.13846728. Disponível em: https://revistatopicos.com.br/generate/pdf_zenodo/pub_13846728.pdf. Acesso em: 12 set. 2025.

SOUZA, E. S. R. de. Letramento científico e inteligência artificial na educação. *Foco: Revista de Pesquisa Educacional*, Campo Grande, 2025. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/7882>. Acesso em: 6 out. 2025.

Cadernos de Letras da UFF. Letramento na Era da Inteligência Artificial. Niterói: Universidade Federal Fluminense, v. 35, n. 69, 2024. DOI: 10.22409/cadletrasuff.v35i69.63346. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/download/63346/38412/235766>. Acesso em: 1 out. 2025.

Revista Interinstitucional Artes de Educar. Inteligência Artificial na Educação Básica. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2024. DOI: 10.12957/riae.2024.85900. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/download/85900/53288/337022>. Acesso em: 14 ago. 2025.

NASCIMENTO, D. C. de Lima. Inteligência Artificial no ensino de Língua Portuguesa: uma análise de planos de aula. *Cuadernos de Educación*, Madrid, 2025. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/7919>. Acesso em: 16 ago. 2025.

RODRÍGUEZ, V. A. Inteligência Artificial e Educação 5.0. *Revista de Estudos Interdisciplinar*, São Paulo, v. 2, n. 3, 2025. Disponível em: <https://revistas.cceeinter.com.br/revistadeestudosinterdisciplinar/article/view/2335>. Acesso em: 3 out. 2025.

ZHANG, Z. V. Letramento digital na era da inteligência artificial: explorando o envolvimento dos estudantes com feedback da avaliação. *Praxis*, Vitória da Conquista, 2025. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/17102>. Acesso em: 6 out. 2025.

YAN, Z. et al. Practical and ethical challenges of large language models in education: a systematic scoping review. *arXiv preprint*, Ithaca, 2023. DOI: 10.48550/arXiv.2303.13379. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2303.13379>. Acesso em: 5 out. 2025.

ROMERO, Margarida; FORTIN, Mélanie; GARCIA, Paul. Teaching and learning in the age of artificial intelligence. *arXiv preprint*, Ithaca, 2023. DOI: 10.48550/arXiv.2303.06956. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2303.06956>. Acesso em: 6 out. 2025.

SHARPLES, Mike. Towards social generative AI for education: theory, practices and ethics. *arXiv preprint*, Ithaca, 2023. DOI: 10.48550/arXiv.2306.10063. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2306.10063>. Acesso em: 2 out. 2025.

MOTLAGH, Negin Yazdani; KHAJAVI, Matin; SHARIFI, Abbas; AHMADI, Mohsen. The impact of artificial intelligence on the evolution of digital education: a comparative study of OpenAI text generation tools including ChatGPT, Bing Chat, Bard, and Ernie. *arXiv preprint*, Ithaca, 2023. DOI: 10.48550/arXiv.2309.02029. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2309.02029>. Acesso em: 6 out. 2025.